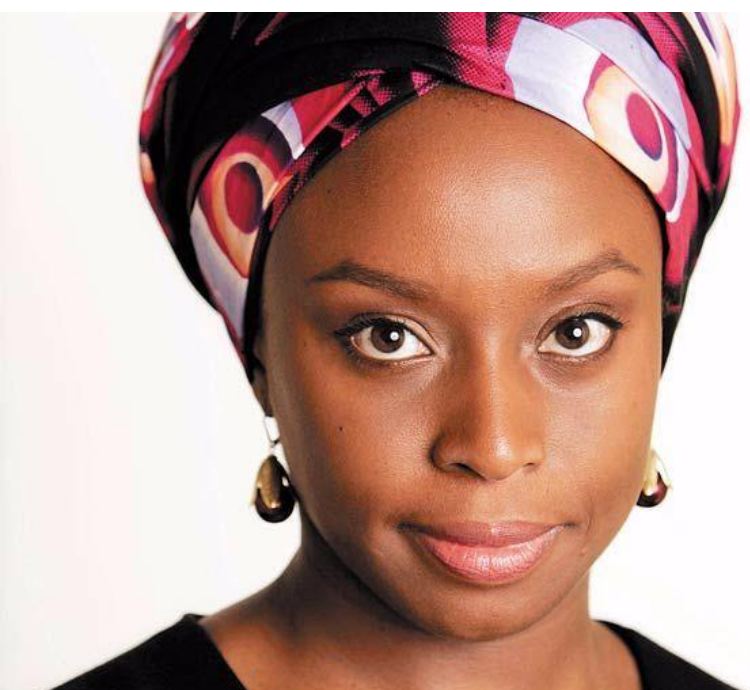


COLUNA

ESCRITORAS EM FOCO: UM OLHAR PARA A LITERATURA AFRICANA DE AUTORIA FEMININA

Rosangela Marquezi

Chimamanda Adichie: um novo olhar sobre um continente com uma “história única”



Conheci, por ver e ouvir e ler, Chimamanda em 2012. Tempo demasiado tarde para quem – como eu – está em sala de aula falando sobre literatura e mais curto ainda para uma autora tão instigante quanto ela. E meu primeiro contato foi por meio de uma palestra do canal TED, disponível na *Internet*, intitulada “*O perigo de uma história única*”, na qual, durante aproximadamente 20 minutos, a autora fala sobre o que se perde, enquanto humanidade, quando temos, a respeito da história de um país e de seu povo, um “olhar único”. Ela vai, de forma intensa, com uma voz firme, mas muito tranquila, desconstruindo a visão de mundo errônea que muitos têm em relação ao continente africano.

Escritora nigeriana e ativista Chimamanda Ngozi Adichie

Ao assistir a palestra, me veio à mente uma frase muito bonita do teólogo Leonardo Boff quando, em um de seus

muitos “ditos”, afirma que “Todo ponto de vista é a vista de um ponto”, ou seja, se ficarmos sempre no mesmo lugar de visão, não teremos outras possibilidades de leitura de um mundo que vai muito além do nosso quintal.

O vídeo, gravado em 2009, já foi visualizado, até a presente data, por quase 20 milhões de pessoas, além de ter sido traduzido para 49 idiomas. E foi a partir dele, ou melhor, da fala nele divulgada, que me apaixonei pela história crítico-narrativa de Chimamanda Ngozi Adichie. E foi também assistindo a esse vídeo que me perguntei: como alguém, com tanta coisa para contar, sobre a qual o grande escritor africano

Chinua Achebe afirmou ser “uma nova escritora agraciada com o dom ancestral dos contadores de histórias”, não é conhecida do público leitor?

E a resposta para esta pergunta não é muito difícil e nem muito complexa... Tem a ver com o que justamente ela discursa no vídeo... A história única sobre África, sobre os africanos e mais ainda, sobre mulheres africanas...

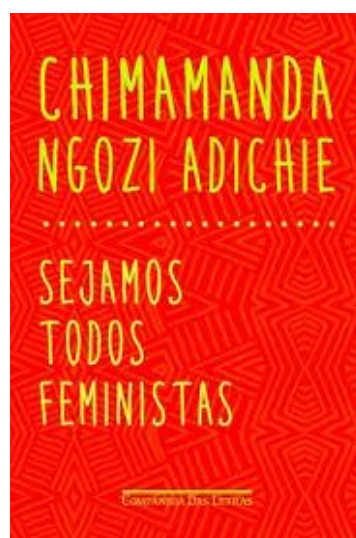
E este breve texto se propõe a falar um pouco sobre esta autora que tem conquistado leitores e fãs não só no seu país, mas em muitos outros. Traduzida para mais de 30 idiomas, ela nasceu na Nigéria em 1977. Filha de um professor e de uma funcionária da Universidade de Nsukka, ela apresenta uma situação social que a coloca em condições diferenciadas da grande maioria dos jovens do seu país, pois lhe oportunizou ter acesso a uma boa educação formal, tendo inclusive iniciado seus estudos superiores em Medicina, área que abandona, aos 19 anos, após ganhar uma bolsa para estudar Comunicação e Ciências Políticas, nos EUA, onde depois faz mestrado na área de Redação Criativa na Universidade Johns Hopkins.

É casada e mãe de uma menina. Ela e seu marido convivem entre a Nigéria e a cidade de Baltimore, no estado de Maryland. Após o nascimento da filha, tem ficado mais nos EUA, pois, como ela brinca, em uma entrevista dada à Larissa MacFarquhar, e publicada aqui no Brasil na Revista Piauí, “*Um dos perigos de um casamento feminista é que o homem quer mesmo estar presente*”. Essa fala indica uma das facetas de Chimamanda: a sua luta em relação ao feminismo, visto que ela é uma importante voz na atualidade sobre o assunto.

Dois importantes manifestos publicados por ela ecoam nos meios dessa luta: “*Para educar crianças feministas*” e “*Sejamos todos feministas*”. Este último, inclusive, teve um excerto utilizado por Beyoncé na sua música “Flawless”, de 2013. O feminismo pelo qual luta a autora passa pela questão da mudança da mentalidade, afinal, como ela mesmo afirma: “*A cultura não faz as pessoas. As pessoas fazem a cultura. Se uma humanidade inteira de mulheres não faz parte da nossa cultura, então temos que mudar nossa cultura.*”

Além dos manifestos, é autora dos romances *Hibisco Roxo* (2003), *Meio sol amarelo* (2006) e *Americanah* (2013) e da coletânea de contos *No seu pescoço* (2009).

Com *Hibisco Roxo*, seu romance de estreia, ela foi finalista do *Orange Prize* e vencedora do *Commonwealth Writers*, importantes prêmios do meio literário. Nesse livro, há uma personagem que, de certa forma, é a voz da própria autora, a tia Ifeoma – uma mulher progressista, professora universitária que cria os filhos de maneira libertária, e que serve de contraponto às visões dogmáticas de algumas das personagens. A protagonista da história, Kambili, chega a dizer em determinado momento que, na



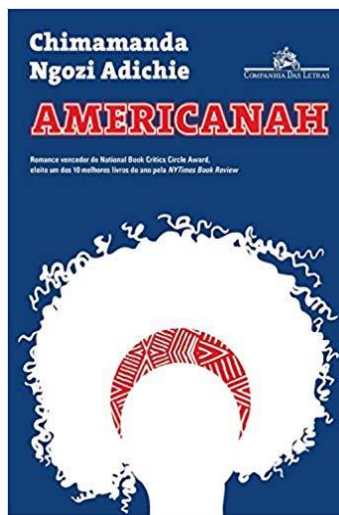


Decisions (1997), uma coletânea de poemas foi o primeiro livro publicado pela escritora aos 20 anos. Aos 21 anos, seria a vez de escrever uma peça teatral, *For the love of Biafra*, obra na qual abordou a guerra do Biafra antes de *Meio sol amarelo*.

casa da tia Ifeoma, “o ar era livre para ser respirado à vontade”, o que demonstra esse ar de liberdade sempre proposto pela autora em seus livros.

Meio sol amarelo, com o qual recebeu o prêmio *Orange Prize*, virou filme em 2013, tendo sido adaptado para o cinema pelo diretor Biye Bandele. Assim como o livro, o filme tem como tema a guerra do Biafra e os contrastes da Nigéria nos anos 1960, pós-independência, e, assim como nos outros livros dela, suas personagens vão sendo construídas por vozes que muitas vezes lembram a da própria autora. Por exemplo, o “Patrão” de Ugwu, em um determinado momento da história, questiona: “*Como é que podemos resistir à exploração se não temos as ferramentas para entender o que é exploração?*” Ou seja, há um entendimento que de faltam as ferramentas necessárias para que o povo se liberte do opressor – discurso de quem que se quer livre!

Americanah, por sua vez, conta a história de Ifemelu, uma nigeriana que sai de seu país e vai morar nos EUA e que tem o desejo de se descobrir, pois sente: “*uma fome, uma inquietação. Um conhecimento incompleto de si mesma. A sensação de algo distante, fora do alcance*”. Os direitos deste livro, para adaptação ao cinema, foram comprados pela vencedora do Oscar, a atriz Lupita Nyong’o. O livro também recebeu o prêmio *National Book Critics Circle Award*.





O livro de contos *No seu pescoço* apresenta histórias fortes, que mostram uma escrita vigorosa com espaço para algumas experimentações de estilo, tal como no conto homônimo ao título em que a narração da história é feita em segunda pessoa. Essa característica faz com que o leitor consiga se colocar no lugar da personagem, como, por exemplo, quando Akunna, a protagonista, conta como foi chegar aos EUA e se sentir um “ser” diferente: “*Você sorria de um jeito forçado enquanto elas faziam essas perguntas.*”

Enfim, muito se poderia ainda escrever sobre Chimamanda, mas encerro dizendo que seus textos têm um poder muito especial e diferenciado: o poder de nos fazer sair do lugar comum e adentrarmos em outras histórias, mais reais e mais próximas, sobre o continente africano e sobre seu povo. E esse poder nos faz também nos reconhecer nesse povo, pois somos parte indivisível de uma mesma raça: a humana.

Leia Chimamanda Ngozi Adichie!



Rosângela Marquezi

Graduada em Letras e Mestre em Educação, atua há 20 anos na docência, sempre na área da Literatura. Atualmente, é professora na área de Literaturas Africanas de Expressão Portuguesa e Literatura Afro-Brasileira na Universidade Tecnológica Federal do Paraná (UTFPR), Câmpus Pato Branco, onde é, também, a atual Coordenadora do Curso de Letras Português/Inglês.